



Cerradão à vista

Cientistas prevêem quando a Amazônia irá virar cerrado e parte do nordeste um grande deserto

GREENPEACE

EGBERTO PASCOAL

Redacaojbeco@terra.com.br

Enquanto o governo discute projeto de lei que prevê a concessão de florestas públicas da Amazônia para exploração da iniciativa privada, em contratos de até 60 anos, o aquecimento global, o desmatamento, a ocupação desordenada do solo e as constantes queimadas podem transformar de 20% a 60% da Amazônia em cerrado nas próximas décadas. Os dados alarmantes foram apresentados em Brasília, durante a 3ª Conferência Científica do LBA (Experimento em Grande Escala da Biosfera-Atmosfera na Amazônia), a maior reunião científica já realizada para debater a situação atual e futura do ecossistema amazônico.

O estudo, que aponta para o risco de savanização da Amazônia, foi apresentado pelo climatologista e coordenador científico do LBA, Carlos Nobre.

O pesquisador, junto a cinco colegas, foi buscar na última era glacial, há mais de 20 mil anos, o ponto de partida para desenhar as possíveis mudanças da Amazônia até 2100. Foi usado para o estudo da região o mesmo supercomputador de previsão do clima utilizado pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), mas com a projeção de aumento de temperatura prevista no planeta. Segundo o pesquisador, os cenários para o fim do século XXI são perversos: várias espécies da Amazônia devem desaparecer, se o aumento do efeito estufa não for revertido.

O clima da floresta amazônica é marcado por chuva intensa, constante e bem distribuída ao longo do ano, o que permite um nível constante e alto de umidade. O desmatamento, diz Nobre, diminui o volume de chuva e favorece o aquecimento das áreas descobertas. Com isso, a região fica mais seca e aumenta o período seco durante o ano. É aí que a natureza se ajusta e busca no novo equilíbrio

com o clima maiores chances de sobrevivência. A Amazônia, então, passa a virar cerrado, com a prevalência das espécies que sabem suportar a seca. "Não que não haja diversidade biológica no cerrado, mas é inferior à diversidade que se tem na Amazônia", diz o pesquisador.

O aquecimento do planeta, provocado pelo aumento progressivo da emissão de gás carbônico, também contribui para afetar o regime de chuva e o clima da Amazônia. "Além da savanização, esse aquecimento pode levar à desertificação de parte do Nordeste", acrescenta Nobre. "E se você chegar a observar formação de savana, já é um ponto sem retorno".

Vazio e vazio - Para entender melhor o complexo funcionamento da floresta, cerca de 800 cientistas de todo o mundo reuniram-se em Brasília, entre os dias 27 e 29 de julho, na 3ª Conferência do LBA. Foram apresentados nada menos que 600 trabalhos científicos sobre a região amazônica. Na aber-

tura do evento, a ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, expressou preocupação com o desmatamento e confirmou a fragilidade do amparo à pesquisa na região: "A Amazônia durante muito tempo foi percebida como vazio demográfico, depois como deserto verde e em outras regiões, como terra de ninguém", disse. "Precisamos fortalecer a O LBA foi criado em 1998 para catalisar a ira dos cientistas diante da destruição da floresta no fim dos anos 80 e promover o estudo do funcionamento biológico, químico e físico da Amazônia, incluindo sua influência no clima global. A idéia é simples: sem conhecer a floresta, não é possível torná-la sustentável.

Em seis anos de pesquisa, o experimento somou investimentos de US\$ 80 milhões, sendo US\$ 35 milhões em recursos brasileiros e o resto da agência espacial americana Nasa e da União Européia. "Nunca antes uma atividade internacional de pesquisa em qualquer parte do mundo teve uma preocupação tão grande na formação de recursos humanos avançados na região", afirmou Nobre.



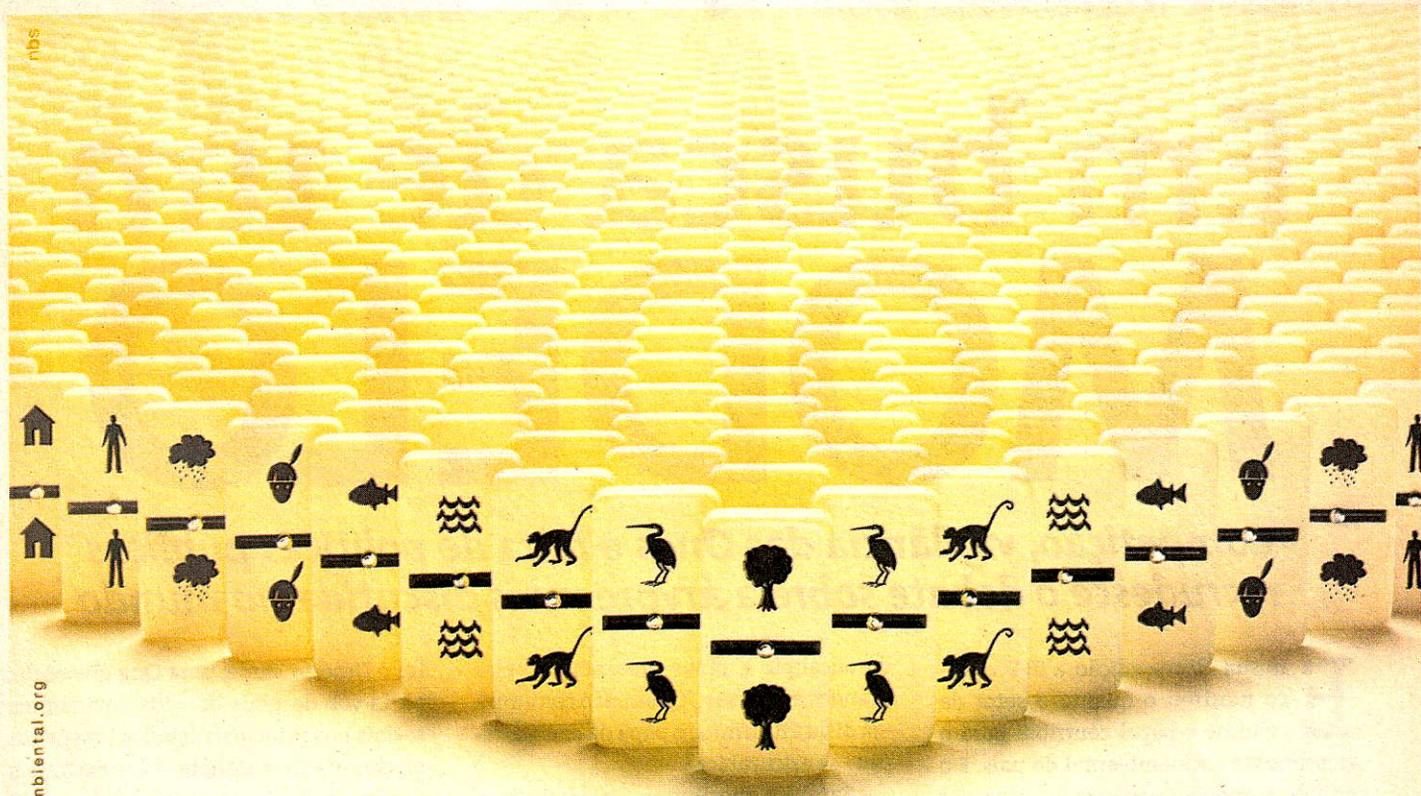
AJB

"A AMAZÔNIA DURANTE MUITO TEMPO FOI PERCEBIDA COMO VAZIO DEMOGRÁFICO, DEPOIS COMO DESERTO VERDE E EM OUTRAS REGIÕES COMO TERRA DE NINGUÉM".

**MARINA SILVA
MINISTRA DO MEIO AMBIENTE**

O desafio agora, garante, é aparelhar institucionalmente o LBA para que ele se torne um ator político importante nas discussões sobre a região. "É preciso traduzir conhecimento científico em políticas públicas e na melhoria da qualidade de vida das populações da Amazônia e da sua preservação", disse. Além disso, a fixação de novos cientistas na região está longe de ser um problema resolvido. "Se não formos bem sucedidos neste desafio, muito do que o LBA conseguiu deve se dispersar nos próximos anos", alertou.

No ano passado, quase 25 mil km² de florestas foram desmatados na Amazônia. Segundo o coordenador da Conferência, Paulo Artaxo, o encontro ajuda a desmistificar parte do discurso de internacionalização da Amazônia. "O projeto não teria sucesso científico sem a cooperação internacional", garante. A ajuda internacional, aliás, espelha outra realidade: os demais países sabem, cada vez mais, que a devastação da Amazônia terá efeito decisivo no futuro do clima de seus próprios territórios. ■



www.socioambiental.org

EQUILÍBRIO SOCIOAMBIENTAL. PENSE BEM ANTES DE MEXER.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. HÁ DEZ ANOS LUTANDO PARA QUE O DESENVOLVIMENTO VALORIZE A DIVERSIDADE DE NOSSOS POVOS E NOSSOS AMBIENTES. SOCIOAMBIENTAL SE ESCREVE JUNTO.

ISA
10 anos